



A PINHA

Uma abordagem histórica de escrita activa

Autores vários

Cap. I - A queda

Uma pinha é uma pinha. Uma infrutescência do pinheiro, dizem os botânicos. Mas esta é uma pinha especial, histórica.

A nossa história começa no reinado de D. Dinis que, apesar dos legados na exploração mineira e na poesia, passou à história como “O Lavrador” por ter ordenado a plantação daquele a que os agrónomos do tempo viriam a chamar de Pinhal de Leiria.

O pinhal tinha 2 objectivos: criar uma barreira que impedisse que a areia das praias tornasse estéreis as zonas de cultivo e produzir madeira para a construção das naus que seriam usadas nos Descobrimentos.

Tanta importância atribuiu o Rei ao pinhal que não havia dia em que não fosse visitar os seus pinheirinhos, anotando milímetro a milímetro, o seu crescimento.

E quando os pinheiros ficaram suficientemente crescidos, deitava-se à sua sombra e adormecia a sonhar com os vindouros Bartolomeus, Gamas, Cabrais e quejandos.

Foi no auge de um desses auspiciosos sonhos que foi abruptamente acordado com uma forte pancada na cabeça.

Assarapantado, levantou-se de supetão e viu no chão “a pinha”. A primeira a desprender-se dos seus milhentos pinheiros ali plantados. Apanhou-a e regressou ao castelo.

Ao dirigir-se para os seus aposentos, cruzou-se com D.^a Isabel que lia no roseiral.

Mal pousou os olhos no rei, a rainha perguntou aflita: *“Real Senhor, estais ferido, que vos sucedeu?”*

- *“Nada de importância, senhora minha.”* - respondeu D. Dinis, relatando em seguida o sucedido.

Preocupada com a pequena ferida na testa do rei, D.^a Isabel acompanhou-o até ao quarto onde, enquanto a rainha o envolvia de cuidados, D. Dinis registou o acontecimento no seu diário.

- *“Isabel, esta pinha representa o nosso futuro. Irei guardá-la para sempre”* – disse o Rei com ar de satisfação.

Cap. II - Exilada

Anos passados, D. Afonso IV sucedeu a seu pai D. Dinis.

No banquete que se seguiu à coroação, serviu-se porco assado e vinho à farta. Os convivas comeram, beberam e dançaram até que um deles, quando já não se segurava em pé, foi de encontro ao armário onde estava exposta a pinha. Esta, atirada pelo ar, veio cair sobre a cabeça de D. Afonso que, furioso, desatou a gritar: *“Afonso Teles, pegai nessa pinha que me feriu e que já tinha ferido o meu pai e levai-a para longe, bem longe de mim!”*

O conviva, instantaneamente curado da bebedeira, apanhou a pinha e, cavalgando dia e noite, chegou até ao Pinhal do Rei.

Retirou a pinha do alforge e ergueu o braço em gesto de arremesso mas no exacto momento em que a ia atirar sentiu um arrepio espinha acima que o congelou de medo. Supersticioso como era, voltou a guardar a pinha e dando meia volta ao cavalo comentou em voz alta: *“Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a tua filosofia, Afonso!”*

CAP III - A maldição

O pinhal de Leiria, também conhecido como o pinhal do Rei era o bosque preferido do príncipe D. Pedro para caçar e descansar.

D. Pedro tinha preferência pelo local onde, segundo as histórias do seu avô, caíra a primeira pinha do pinhal. Aí, envolvido pelos sons e cheiros característicos daquele lugar, pensava na sua amada Inês e no amor tão intenso e sem limites que por ela sentia. Inebriado pelo sentimento era frequente rodopiar abraçado ao pinheiro e gritar: *“Inês, meu amor... meu amor... AMO-TE!!!”*

Anos passados, crimes vingados, o agora Rei D. Pedro I regressou ao mesmo local acompanhado do seu mais leal servidor.

Apagado o desejo de vingança, o rei sucumbiu finalmente às lágrimas.

- “Inês, a luz da minha vida, a mãe dos meus filhos... Assassinada a mando de meu pai... Um velho bêbedo, amargurado, inseguro e vingativo... Vingou-se do meu avô desfazendo-se da primeira pinha que caiu neste pinhal e depois vingou-se de mim matando-te a ti, Inês. Velho covarde sem cara nem honra!”

- “Meu Rei...” - sussurrou Afonso Teles - “Pela vossa rainha nada posso fazer, mas a pinha, a primeira caída no pinhal do Rei, que por tantos anos ficou à guarda da minha família, pertence-vos por direito.”

E ajoelhando-se entregou a pinha a D. Pedro.

O rei olhando os céus, gritou: *“ASSASSINOS! Mataram a minha rainha mas o meu amor por ela irá permanecer para sempre e disso será testemunha esta pinha.”*

E entregando-a novamente a Afonso Teles, ordenou-lhe: *“Fizeste um bom serviço ao teu rei ao proteger a pinha e tudo o que ela representa. Volto a confiar-ta para que a tua família a proteja até que no trono esteja sentado um rei digno de a receber.”*

Quando regressou ao castelo nesse dia, D. Pedro acariciou o túmulo de Inês, pensou na sua amada e mais uma vez gritou: *“ASSASSINOS!”*

Cap. IV – O regresso

Séculos passados, Adamastores vencidos e sonhos de conquista realizados, a pinha faz novamente história.

Habitado a sonhar luz onde os outros apenas viam claridade, o poeta vê-se confrontado com a terrível realidade – o naufrágio estava iminente.

Teme, mais que por si, pelo desaparecimento da sua obra, do poema que lhe tinha custado tantas lágrimas de sangue, nos confins de Macau.

O salvamento do manuscrito é a sua prioridade, mas como? COMO?

Levá-lo consigo, nadando apenas com um braço parece-lhe tarefa superior às suas forças e com o olho que lhe resta percorre, ansioso, tudo o que o rodeia até a encontrar.

A pinha, a primeira pinha caída do pinhal de Leiria que em Macau lhe havia sido confiada no último folego de vida de um nobre senhor com quem fizera amizade. A pinha que foi sua muda confidente enquanto o poema crescia naquela gruta em Macau. Que melhor objecto haveria para confiar o seu manuscrito? Juntou os dois envolvendo-os em todos os panos que conseguiu encontrar e, amarrando tudo com cordas, lançou-se à água.

Como lutou? Quanto lutou? Não saberia responder quando acordou aturdido numa praia desconhecida.

Procurou instintivamente o seu poema que o aguardava a poucos metros de distância, completamente seco junto da pinha ainda envolta por alguns trapos.

Emocionado, abraçou o poema e beijou a pinha. Quantas vezes, não se sabe.

Cap. V - Escondida

Enquanto experimentava a armadura, feita à medida do seu jovem corpo, para a expedição ao norte de África, os olhos do Rei D. Sebastião pousaram na pinha.

Devolvida à Coroa por Camões, a primeira pinha caída no Pinhal de Leiria, imortalizada no diário de D. Dinis, leitura obrigatória de todos os reis de Portugal era, juntamente com os Lusíadas, um sinal claro e evidente que o destino conspirava a seu favor.

- *“Esta pinha é demasiado preciosa para ficar exposta na minha ausência. Escondei-a com o diário de D. Dinis no chão falso junto à minha cama até ao meu regresso.”*

Mas D. Sebastião nunca regressou. E a pinha caiu no esquecimento debaixo do sobrado real.

Cap. VI - Os bichos

Sem se saber bem como nem porquê, a pinha, catrafilada naquela cavidade debaixo do chão, desenvolveu sensibilidade e razão, e com elas o sentido do bem e do mal até que por fim adquiriu a capacidade de pensar e julgar.

Apercebendo-se disto os ratos, baratas, centopeias, formigas e outros bicharocos que tal passaram a solicitar a pinha para julgar as disputas e pelejas entre insectos e roedores.

Um dos casos mais famosos foi a disputa territorial entre dois grupos de formigas.

- *“Nós chegamos primeiro”* – argumentavam as formigas pretas.

- *“Primeiro chegamos nós”* – respondiam as formigas preto escuras.

E na ausência de entendimento, perguntou a pinha: *“E quantas formigas tem cada um dos vossos grupos?”*

- *“Nós somos duzentas”* – disseram logo as pretas.

- *“Duzentas somos nós”* – afirmaram as preto escuras.

Perante estas respostas, a pinha avançou novo cenário: *“O que vocês acham que aconteceria se um grupo de 400 formigas chegasse até este território?”*

- *“Tomavam conta do território”* – responderam as pretas.

- *“Repartiam-se e ordenavam-se o melhor que pudessem”* - responderam as preto escuras.

E não foi preciso dizer mais nada, os dois grupos olharam-se mutuamente e num ápice juntaram-se.

- *“Muito obrigado por nos ajudares, querida pinha”* – disseram as formigas agora em uníssono.

Quando a pinha foi finalmente resgatada do seu esconderijo, ainda tentou fazer-se ouvir pelos humanos, mas sem sucesso. Acabou por concluir que os homens e as pinhas não utilizavam a mesma linguagem e não pode deixar de se sentir infeliz pelo facto.

Infelizes ficaram também os bichinhos que lhe faziam companhia debaixo do sobrado real.

- *“Tristes, sós e abandonados...”* - sem pinha por onde lhe pegar.

Cap. VII - Obra prima

A data de abertura da Exposição Universal estava mesmo ao virar da esquina e todos estavam pressionados para cumprir os prazos estabelecidos.

O palácio, devido à sua beleza e antiguidade, fora designado para acolher os dignatários que chegariam de todo o mundo para participar no evento.

Martela daqui, paredes abaixo acolá e eis que no meio da confusão e da poeirada se ouvem exclamações de espanto: Ena... UAU! Eh lá... Fogo!

As obras foram de imediato interrompidas e todos se aproximaram para contemplar, aninhada num buraco no soalho, uma pinha maravilhosa, brilhante, reluzente, enorme, de um castanho-escuro com reflexos dourados, faiscantes à luz. Ao seu lado o diário de D. Dinis.

Foi chamado o encarregado geral, o ministro da tutela, as entidades competentes e incompetentes, os antiquários, o pessoal do restauro, grafólogos e outros peritos de toda a ordem e feitio. Enfim, a desordem do costume com uma panóplia de cabeças e sentenças a deliberar cada uma para seu lado.

Até que no meio da excitação e da confusão, alguém sugeriu: *“E se classificássemos a pinha como obra prima?”*

- *“Até a podemos expor em primeiro plano na Festa de Inauguração da Exposição Universal”*. – adiantou logo o Director-Geral do departamento de Gestão Financeira do evento.

- *“Seria o nosso ex-libris! Nada no mundo se lhe compara!”* - opinou logo o sub-director, aproveitando a onda.

- *“Qual Vénus de Milo, qual Gioconda qual Vitória de Samotracia? Comparadas com a nossa pinha perdem todo o fulgor”* – disparou um licenciado em Arte, especializado em conservação e restauro, visivelmente emocionado.

Pela primeira vez o consenso era geral, o governo concordava e a oposição também, os comentadores políticos comentavam a concordância, os sindicatos aceitavam sem negociar, os outros parceiros sociais não podiam estar mais de acordo e as sondagens de rua apontavam para 100% de opiniões favoráveis.

A pinha, a primeira caída no Pinhal de Leiria, foi colocada em pedestal à medida, isolada em vácuo por uma redoma de grafeno à prova de bala, bem no centro do hall de entrada do palácio. Ao seu lado, o diário do Rei D. Dinis aberto numa página onde se podia ler: *“Esta foi a primeira pinha a tombar de um dos meus pinheiros. Guardei-a como grata recordação. Peço aos meus vindouros que a preservem até ao fim dos tempos”*.

Cap. VIII - A Morte

Ninguém sabe como sucedeu, mas depois de ter resistido séculos à passagem do tempo, a pinha, logo depois de terminada a Exposição Universal, começou a definhar rapidamente. Não houve técnica, restauro ou oração que resultasse, a pinha estava a apodrecer.

De modo a evitar a crise política e a anarquia social foi criado um governo de salvação nacional com membros de todos os partidos cuja primeira medida foi democratizar a pinha.

A pinha, de ascendência aristocrática, foi na morte devolvida ao povo, cremada em fogueira pública no Meo Arena junto a todas as outras pinhas que os cidadãos trouxeram em homenagem à primeira.

Ninguém sabe ao certo quantas pessoas assistiram à cerimónia, mas o número foi largamente superior a qualquer manifestação ou festival. Mas o que realmente marcou quem por lá passou foi o silêncio onde apenas se ouvia o crepitar das chamas.

Já os bichinhos, insectos, roedores e outros que tais, esses ouviram tudo...

(Carvão) *“Querida, sinto-me tão frio...”*

(Pinha) *“Chega-te a mim.
Quando estou junto a ti sinto um fogo a consumir-me...”*

(Carvão) *“Tens razão, assim juntinhos já sinto a tua chama!”*

(Pinha) *“Vês? Não tarda estás em brasa como sempre acontece que nos juntamos, seu marotão.”*

(Carvão) *“E como poderia eu resistir-te? O teu calor é tão intenso que me incendeia. Os meus colegas também o sentem, vê como estão afoqueados. Até fico com ciúmes...”*

(Pinha) *“Ai, não me digas isso. Que injustiça! Sabes bem que a minha maior razão de viver é aquecer-te. Se os teus colegas sentem alguma coisa é apenas por estarem muito perto de ti.
Mas já te vejo com outras cores...”*

*Agora sim, estás incandescente!
Fico tão feliz por ti..."*

(Carvão)

*"Sim, sim! Sinto-me na plenitude das minhas faculdades.
Obrigado, meu amor...
Mas... que se passa contigo?
Porque estás tu a definhar?
Devo devolver-te o calor que tu me deste? "*

(Pinha)

*"Claro que não, tontinho... é a lei da existência. Não passo de uma
pinha e tu de um pedaço de carvão. Eu devo extinguir-me para que tu
vivas. É a minha derradeira prova de amor.
Nunca me senti tão viva.
Nunca me senti tão pinha!"*

FIM